

RESUMO EXTENDIDO DE BRANCA DE NEVE DEVE MORRER: ANÁLISE DA FIGURA DA RAINHA MÁ NA HISTÓRIA DA *BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES* EM TRES VERSÕES

Inaiá Silva Gonçalves (PÍc /Uem), Prof.(^a) : Vera Helena Gomes Wielewicki (Orientadora); Liliam Cristina Marins (Co-orientadora), e-mail: inaiasgon@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#)
80210007 LITERATURA COMPARADA

Palavras-chave: Branca de Neve, Adaptação, Contos de Fadas

Resumo:

Contos de fadas fazem parte importante da infância e, desse modo, do desenvolvimento de muitas pessoas. Levando isso em conta, esse trabalho visa realizar uma análise de três diferentes versões da narrativa *Branca de Neve e os Sete Anões*. Serão observadas as versões dos Irmãos Grimm (1812), a versão do estúdio Disney (1937), sendo que ambas são voltadas para o público infantil e, portanto, compartilham algumas características. Também será analisada a versão de 1998, escrita por Neil Gaiman, *Neve, Vidro e Maçãs*, voltada ao público adulto. Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, e será embasada nos trabalhos de Gilbert e Gubar (1979), Bettelheim (1980), Zolin (2009) e Hutcheon (2011), buscando, por meio destes, explicitar a representação da figura feminina nos contos de fadas e nas histórias influenciadas por estes.

Introdução

Esse trabalho visa analisar três diferentes versões do conto *Branca de Neve e os Sete Anões* com o objetivo de observar a figura feminina através de um estudo focado na Rainha Má, a madrasta da Branca de Neve. As versões analisadas serão a de 1812, dos Irmãos Grimm; a animação produzida pelos estúdios Disney, em 1937; e o conto *Neve, Vidro e Maçãs*, escrito pelo autor britânico Neil Gaiman, em 1998. Utilizando como embasamento teórico as obras de Bruno Bettelheim, *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (1980); Gilbert e Gubar, *Madwoman in the Attic* (1979), Zolin (2009); e Linda Hutcheon, *Uma Teoria de Adaptação* (2006); essa pesquisa visa problematizar a figura da madrasta apresentada no conto *Branca de Neve e os Sete Anões*, levando em conta suas diferentes construções e como isso pode ser interpretado pelo público alvo de cada obra.

Materiais e métodos

Essa pesquisa é de cunho bibliográfico e para ser realizada foram utilizadas como base teórica o livro de Bruno Bettelheim, *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (1980), para discutir a relação entre madrasta e enteada. Devido ao cunho de análise feminista presente no trabalho, a obra *Madwoman in the Attic* (1979), de Gilbert e Gubar, também foi utilizada bem como Zolin (2009). Como há a comparação de adaptações, o livro de Linda Hutcheon, *Uma Teoria de Adaptação* (2006), também foi empregado na análise, principalmente na parte que diz respeito à análise do filme de 1937 que foi adaptado do conto de 1812.

Resultados e Discussão

Uma das histórias mais adaptadas é a da Branca de Neve e os Sete Anões. Na versão publicada pelos Irmãos Grimm entre 1812 e 1822, é narrada a vida da princesa Branca de Neve, que perde a mãe ao nascer e seu pai se casa novamente. A sua madrasta é vaidosa e constantemente pergunta a um espelho mágico quem é a mais bela do reino. Quando este responde que a Branca de Neve é a mais bela de todas, a Rainha, tomada por inveja, manda que o caçador mate a menina, porém ele não o faz, por sentir pena da princesa, que foge para a floresta e vai morar com sete anões. Ao descobrir que a enteada ainda vive, a Rainha Má se disfarça e tenta assassiná-la, primeiro com fitas, depois com um pente envenenado e, por fim, com uma maçã envenenada. Contudo, um príncipe encontra a menina em um caixão de vidro na floresta e a leva consigo. No meio do caminho, a maçã é deslocada da sua garganta e a menina acorda e conta a ele o que aconteceu. A Rainha má é condenada a dançar com sapatos de ferro quente até a sua morte. Segundo Gilbert e Gubar (1979), há dois arquétipos femininos prevalentes na literatura do patriarcado, *angel in the house*, ou o anjo na casa, que representa todos os valores a serem almeçados pelas mulheres naquela sociedade; e *madwoman in the attic*, a louca no sótão, uma representação de tudo que deve ser repudiado na figura feminina. A história da Branca de Neve e os Sete Anões apresenta esses dois estereótipos muito claramente na princesa e na Rainha Má, sendo que uma é o contrário da outra. De acordo com Bettelheim (1980), a relação entre madrasta e enteada, como apresentada no conto, é marcada pelo narcisismo da figura materna, ou seja, a madrasta passa a ver a Branca de Neve como uma ameaça e não como sua filha, fazendo com que a Rainha busque a sua anulação.

O filme produzido pelos estúdios Disney em 1937 mantém certos aspectos do conto dos Irmãos Grimm, como a inveja que a madrasta sente da Branca de Neve e os arquétipos representados por elas. Como é um filme voltado para o público infantil, há um cunho moralista, ocorrendo a transmissão de valores que devem ser buscados pelas meninas, representados na Branca de Neve, que é dócil, submissa e passiva; e os que devem ser evitados: a raiva, a vaidade e a assertividade da Rainha Má. Como é uma adaptação cinematográfica, os artifícios usados para que o público acompanhe a narrativa se diferem dos presentes em histórias escritas, pois, segundo Linda Hutcheon (2006), a interação dos espectadores com a narrativa muda de acordo com o meio em que ela é transmitida. Desse modo, os produtores

utilizaram das cores nas quais as personagens eram cercadas para representar a sua índole. Ou seja, a Rainha Má aparecia em ambientes escuros, sem luz natural e durante a noite; já a Branca de Neve era mostrada em meio à natureza, cercada de luz e cores claras.

Além da adaptação entre diferentes mídias, também há a atualização do conto e sua adaptação para o público adulto, como ocorre em *Neve, Vidro e Maçãs*, de Neil Gaiman (1980). Nessa versão, há a subversão da narrativa dos Irmãos Grimm e da Disney. Ela é contada em primeira pessoa e do ponto de vista da Rainha, que se casa com o Rei e passa a morar no seu castelo, onde conhece a Branca de Neve. Nessa versão, porém, a menina é apresentada como uma figura vampiresca, que ataca a Rainha para beber seu sangue. Após a morte do marido, ela ordena que a princesa seja morta e que lhe tragam seu coração, o que ocorre; porém, a menina continua a vagar pela floresta. Quando descobre isso, a Rainha envenena maçãs para que a princesa as coma e deixe de ser uma ameaça ao seu reino, o que funciona temporariamente. Nessa narrativa também há um príncipe, a quem a Rainha tenta seduzir com intuito de formar uma aliança política. Contudo, logo é revelado que ele é um necrófilo e, quando está indo embora e encontra Branca de Neve, ajuda a menina a voltar ao castelo e a Rainha é condenada à morte. Essa versão não possui o cunho moralista que as versões de 1812 e de 1937 possuem, tanto por ser uma narrativa mais atual quanto por ter um público alvo adulto. As características mais marcantes nesse conto são a ambientação Gótica, como afirma Cerqueira (2010) e o conflito entre a Rainha e a Branca de Neve, que deixa de ser entre arquétipos femininos construídos no patriarcado e passa a ser entre uma governante e a ameaça ao reino.

Conclusões

Devido às constantes adaptações do conto *Branca de Neve e os Sete Anões*, é possível concluir que essa narrativa ainda se mantém relevante, mesmo que os arquétipos propostos na versão de 1812 não se apliquem mais à sociedade do século XXI, a Rainha Má e a Branca de Neve ainda são personagens que formam a memória coletiva da infância de muitas pessoas. Contos de fadas tinham um forte cunho moralista e tinham propósito de ensinar às crianças lições de vida; no caso de *Branca de Neve e os Sete Anões* de 1812, o conto ensina qual é o comportamento que deve ser adotado e qual deve ser rejeitado por mulheres na sociedade patriarcal. Essa ideia é mantida na animação de 1937, produzida pelos estúdios Disney, cujo público alvo é o infantil e se atém à ideia de moralidade passada na versão dos Irmãos Grimm, mantendo os arquétipos de anjo na casa e louca no sótão que a Branca de Neve e a Rainha Má, respectivamente, representavam desde 1812. Isso é subvertido na versão de 1998, *Neve, Vidro e Maçãs*, escrita por Neil Gaiman. O público alvo passa a ser o adulto e, portanto, não há mais cunho moralista, além de ocorrer uma mudança na perspectiva do conto, sendo narrado em primeira pessoa pela Rainha. Os arquétipos “anjo na casa” e “louca no sótão”, presentes nas primeiras duas versões analisadas não se aplicam mais às personagens da Rainha e Branca de Neve nesse conto, sendo que seus papéis como mulheres não são o foco da narrativa, mas suas figuras como governante e monstro, respectivamente.

Referências

BRANCA de Neve e os Sete Anões. Direção de David Hand. Disney, 1937. 83 min.
BETTHELHEIM, Bruno, *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CERQUEIRA, Ana Luiza Sanches. **O Realismo Mágico nas Short Stories de Neil Gaiman, um Contador de Histórias da Contemporaneidade**. 2010. 123f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2010.

GAIMAN, Neil, **Neve, Vidro e Maçãs**. In: _____ . **Fumaça e Espelhos**.

Tradução de Cláudio Blanc. 2 ed. Le livros, 2004. p. 219 – 227.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan, *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. 2.ed. Yale University Press, 1979.

GRIMM, Jakob e Wilhelm. *Branca de Neve e os Sete Anões*. 1812. Disponível em: https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/pdf/branca_de_neve.pdf. Acesso: 04 de julho de 2019.

HUTCHEON, Linda, *Uma Teoria da Adaptação*. Florianópolis: Editora UFSC, 2006

ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica Feminista*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 4 ed. Maringá: Eduem, 2019. p. 211 – 237.